

## MUNDIALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

Melina Silva Alves<sup>1</sup>

### 1. INTRODUÇÃO:

Objetivamos neste artigo<sup>2</sup> traçar os nexos entre formação de professores e crise do capital, expondo deste modo, como a especificidade da formação de professores articula-se ao projeto de mundialização da educação, ou seja, compreendendo a mundialização da educação não como um dado teórico, mas sim no modo como a formação de professores é usada como alternativa do capital a dar sobrevida à sua própria crise estrutural.

Utilizamos a expressão “mundialização da educação” reportando-se ao termo utilizado por Melo (2004) que denota uma analogia a “mundialização do capital” em oposição ao termo “globalização”, compreendendo de tal modo, a mundialização da educação como o processo de mercadorização da educação e sua utilização como força produtiva<sup>3</sup> no processo de destruição do sistema público de ensino da América Latina e do Brasil. A utilização do conceito de mundialização da educação busca também demarcar nossa posição contrária aos que defendem “uma outra globalização”, a exemplo dos adeptos do Fórum Social Mundial, ou da Igreja Católica, que fazem a crítica ao neoliberalismo, mas não apontam a necessidade de superação do capital através da construção da “sociedade dos homens livres”. (MARX, 2006). Neste contexto, nosso estudo se aproxima daqueles que tratam da relação entre crise do capital e educação, abordando mais especificamente do debate sobre a formação de professores.

<sup>1</sup> Estudante de Doutorado. PPGE/UFBA. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Membro do Grupo LEPEL/FACED/UFBA.

<sup>2</sup> Este artigo apresenta como base as discussões realizadas em dissertação de mestrado intitulada: Divisão Social do Trabalho e Alienação na Formação de Professores de Educação Física na UFS: O Estágio Supervisionado/Prática de Ensino enquanto síntese dialética dos projetos em disputa. Dissertação de Mestrado em Educação, defendida em agosto de 2010 na Universidade Federal de Sergipe.

<sup>3</sup> As forças produtivas são as forças que garantem a vida humana, ou seja, o próprio homem, sua atividade fundante (o trabalho), os meios do trabalho, o meio ambiente, a cultura, o conhecimento, a ciência e a tecnologia.



capitalistas de controle social na sua totalidade. Aqui cabe assinalar que das instituições do capitalismo são inerentemente violentas e agressivas: são edificadas sobre a premissa fundamental que prescreve “a guerra, se fracassam os métodos “normais” de expansão” [...] Crescimento e expansão são necessidades imanentes ao sistema de produção capitalista, e quando os limites locais são atingidos não resta outra saída a não ser reajustar violentamente a relação dominante de forças (Mészáros, 2009, p.65).

Gentili (2002) ao discutir as relações entre trabalho, educação e as políticas neoliberais, levanta três teses que auxiliam no processo de compreensão da formação dos professores no contexto da crise estrutural do capital. Seleccionamos duas teses que explicam a questão da formação humana a partir da implementação em larga escala das políticas neoliberais, o que nos auxilia no processo de exposição sobre a compreensão da utilização da formação de professores como elemento necessário para a sobrevivência do capital em crise estrutural.

Inicialmente (primeira tese) o autor realiza uma análise da realidade apontando que as mudanças econômicas em especial a partir da crise da década de 1970, fazem com que seja superada a teoria do capital humano, no qual a escolarização era componente basilar para garantir a competição entre as diferentes economias. Passamos assim, da economia com base no bem-estar-social, para a implantação de políticas neoliberais; da promessa de emprego e políticas sociais para todos para objetivação da política de estado mínimo no que se refere aos gastos sociais<sup>4</sup> e do desemprego estrutural e da teoria do capital humano para o discurso do desenvolvimento e habilidades e competências através da implementação do atributo da empregabilidade.

A educação modifica, desta forma, seu objetivo central, passando da lógica da educação organizada pelo Estado e que serviria como base para a formação de mercados econômicos competitivos para a lógica da privatização da educação definida a partir do desenvolvimento de habilidades e competências.

Morta definitivamente a promessa do pleno emprego, restará ao indivíduo [...] definir suas próprias opções, suas próprias escolhas que permitam (ou não) conquistar uma posição mais competitiva ao mercado de trabalho. A desintegração da promessa integradora deixará lugar à difusão de uma nova promessa, agora sim, de caráter estritamente privado: *a promessa da empregabilidade*. (GENTILI, 2002, p. 50 – grifos no original).

<sup>4</sup> O Estado torna-se mínimo no que se refere aos gastos sociais (como saúde, educação, moradia, entre outros), mas máximo na implementação do ideário neoliberal através da implementação de um conjunto de políticas sociais necessárias para superar a crise da década de 1970, que se firmaria como crise estrutural do capital.

Nesse sentido a segunda tese apresentada pelo autor é justamente da centralidade do desenvolvimento da empregabilidade para a formação humana, ou seja, a empregabilidade passa a integrar as políticas sociais a partir do falso discurso de que existem empregos, mas somente aos mais aptos. Por isso, fica sob a responsabilidade da educação o desenvolvimento da empregabilidade, já que o mercado de trabalho tem por base a competição.

O emprego deixa então a esfera do direito passando a denotar a aquisição de competências articuladas ao praticismo da possível atuação no mercado de trabalho. A articulação entre formação de professores e a crise estrutural do capital vai se firmando essencialmente através do estabelecimento de habilidades e competências que devem ser internacionalmente desenvolvidas e que vão sendo implantadas através de um suposto discurso crítico, afinal, não há curso de Formação de Professores que apresente como objetivo a formação de professores “acríticos”.

Duarte (2001) localiza a formação por competências, em uma corrente educacional contemporânea desenvolvida a partir do construtivismo, denominada por ele como “as pedagogias do aprender a aprender”<sup>5</sup>. Este autor, ao realizar uma crítica às pedagogias do “aprender a aprender” centra sua crítica em quatro principais questões: 1) A importância em se aprender sozinho não sendo necessário ou tornando-se secundária a presença de outra pessoa no processo de transmissão e produção do conhecimento; 2) A supervalorização do método de produção e aquisição do conhecimento frente ao conhecimento enquanto conteúdo; 3) A concepção de educação funcional, pois o que deve impulsionar a atividade educativa são os interesses dos próprios alunos; 4) A educação como ferramenta para a disputa de postos de trabalho.

Nesse sentido, as pedagogias do “aprender a aprender”, base da proposta de educação da UNESCO para o Brasil e outros países da América Latina, têm um caráter de desenvolvimento de políticas compensatórias de alívio a pobreza, não trazendo em si pressupostos que sirvam como base para a construção de uma pedagogia socialista, mas sim para a mundialização da educação no modelo capitalista. Segundo Melo (2004) o modelo da *Educação Para Todos* implementado pela UNESCO nos países da América Latina e do

<sup>5</sup> O autor refere-se ao *learning by doing*, aprender fazendo, em referência à pedagogia proposta por John Dewey e que serve como base para a proposta educacional da UNESCO coordenado por Delors (1998) que apresenta os quatro pilares para a Educação no século XXI: 1) aprender a conhecer; 2) aprender a fazer; 3) aprender a viver juntos; 4) aprender a ser.





Para concluir, apresentamos nosso acordo com a constatação de que as possibilidades superadoras surgirão do interior das contradições para a formação de professores que hoje fazem parte das políticas de mundialização da educação. Por isso propostas de superação não se materializarão fora da luta de classes e da resistência na luta pela tomada da direção da formação humana em geral e da formação de professores em particular. Destarte, as perspectivas de superação podem/devem ser constituídas ainda no modo capitalista de produção e do necessário desenvolvimento de uma pedagogia de transição que aponte os pressupostos que constituirão as bases para a gênese de uma pedagogia socialista. Esclarecemos ainda por fim, que a defesa de uma formação para a transição centra-se nos pressupostos defendidos por Trotsky (2009), sobre a necessidade de mobilização através da constituição de reivindicações transitórias. Reconhecemos, portanto como tarefa no campo da formação de professores a necessidade de tomada da direção da formação humana no sentido da não separação de premissas teórico-científicas das premissas programáticas, buscando articular à luta de classes a construção dos pressupostos necessários para a transição da formação unilateral para outra qualitativamente superior que tenha como premissa nuclear a universalização do trabalho, ou seja, a formação humana em todas as suas possibilidades históricas.

## REFERÊNCIAS:

DELORS, Jaques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 10ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: Unesco, 2006.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. **O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

GENTILLI, Pablo. Três teses sobre a relação Trabalho e Educação em tempos Neoliberais. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval; SANFELICE, José Luís (orgs). **Capitalismo, Trabalho e Educação**. Campinas: Autores Associados, 2002.

HAYEK, Friedrich August von. **O caminho da Servidão**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

LACKS, Solange. **Formação de Professores: a possibilidade da Prática como Articuladora do conhecimento**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004. 276 p.

MARTINS, Lígia Márcia. Da formação Humana em Marx à Crítica da Pedagogia das Competências. In: DUARTE, Newton (Org). **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**. Campinas: Autores Associados, 2004.

